

O Grande Quadro

David Kingdon

Vamos examinar a vida de José, como vem registrada em Gênesis. Se há alguma doutrina bíblica que é iluminada por sua vida, é a doutrina da providência de Deus. Quando consideramos esta doutrina, podemos abordá-la seguindo a linha da Teologia Sistemática, como faz a *Confissão de Fé de Westminster*, por exemplo. Quer dizer, podemos estruturar uma definição da providência juntando textos extraídos de várias partes das Escrituras. Assim, na *Confissão* lemos:

Pela muito sábia providência, segundo a Sua infalível presciência¹ e o livre e imutável conselho de sua própria vontade, Deus, o grande Criador de todas as coisas, para o louvor da glória de Sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as criaturas, todas as ações delas e todas as coisas, desde a maior até à menor.

(Capítulo 5: *Da Providência*, Seção 1)

Essa abordagem da doutrina tem grande valor e nos habilita a vê-la como um todo.

Suspeito, porém, que muitos de nós acham mais fácil captar uma doutrina experimentalmente, como a vemos exposta na vida de um personagem bíblico. Portanto, ao examinarmos a vida de José, um resultado será, espero, que teremos um melhor entendimento da doutrina da providência de Deus — e não apenas um melhor entendimento, mas também uma profunda e sincera apreciação dela, de modo que aprendemos a viver nela dia a dia.

Somos apresentados a José em Gênesis 37:2. Sua história — com alguns interlúdios — vai até o fim de Gênesis (50:26). Ele nasceu em Canã, de Raquel, a esposa favorita de Jacó (Gênesis 30:22-24). Mas passou a maior parte da sua vida no Egito, primeiro como escravo, depois como prisioneiro, e finalmente como um oficial da realeza, só segundo em importância em relação ao próprio Faraó.

Como foi que José foi parar no Egito? Bem, uma resposta é que seus irmãos o venderam a mercadores midianitas que o levaram para o Egito e por sua vez o venderam a Potifar, capitão da guarda de Faraó (Gênesis 37:28-36). Todavia é igualmente certo (e de maneira nenhuma em oposição à primeira resposta) que Deus, em Sua providência, de tal modo ordenou a vida de José que ele foi levado para o Egito a fim de cumprir a promessa de Deus de que faria dos descendentes de Abraão uma grande nação (12:2). Dessa forma, na vida de José vemos um entrelaçamento de atos pecaminosos dos homens com a soberana vontade de Deus, de modo que eles, apesar deles mesmos e sem nenhum pensamento em Deus, de fato levaram a efeito a Sua vontade. E o que o próprio José confessa duas vezes (Gênesis 45:7,8; 50:20).

¹ Muito melhor seria traduzir “foreknowledge” por “pré-conhecimento”, termo que facilita ver que “conhecimento” na Bíblia geralmente significa muito mais que um saber intelectual. Nota do tradutor.

Portanto, devemos começar o nosso estudo examinando a vida de José contra o pano de fundo do propósito soberano de Deus como expresso em Sua promessa pactual. Pois, se não procedermos assim, perderemos de vista uma dimensão completa da vida de José, e conseqüentemente deixaremos de apreciar quão maravilhosos são os caminhos do nosso Deus.

1. A PROMESSA QUE DEUS FEZ

Quando Deus chamou o primeiro patriarca, Abrão, que mais tarde recebeu o novo nome Abraão, na terra dos caldeus, na cidade de Ur, prometeu que faria dele uma grande nação. Não só um grande clã, nem apenas uma grande tribo, porém muito mais — uma grande nação (Gênesis 1:22)!

Todavia, sua esposa, Sarai, era estéril (Gênesis 11:30). Então, depois de muitos anos de espera, nos quais a fé foi provada dolorosamente, nasceu Isaque. Ambos os pais tinham passado da idade na qual poderiam esperar que lhes nascesse um filho. Contudo, mesmo antes de Isaque nascer, e foram, por assim dizer, postas em movimento as rodas pelas quais uma grande nação sairia de Abraão, Deus fez ao patriarca Abraão uma notabilíssima revelação do futuro.

Seus descendentes seriam estrangeiros numa terra que não era deles (Gênesis 15:13). Seriam oprimidos e obrigados a servir como escravos durante quatrocentos anos. Mas na quarta geração (ao que parece, uma geração patriarcal era de cem anos) voltariam para a terra de Canaã.

Durante esses longos e difíceis anos no Egito, o número dos israelitas se multiplicaria muito. Setenta pessoas entrariam no Egito (Gênesis 46:27) — um mero clã. No entanto, do Egito sairiam como uma grande nação, porque os filhos de Israel se multiplicariam excessivamente (Êxodo 1:7,12).

Bem, como foi que eles foram parar no Egito? Por que deixaram a terra de Canaã? Foi porque, num período de fome em Canaã, José, o irmão que tinha sido vendido no Egito, ocupou uma posição que ele usaria para sustentar sua família (Gênesis 45:7,8; 50:20).

Naturalmente, quando José foi vendido no Egito — quando era um escravo na casa de Potifar — não tinha nenhuma idéia de que estava sendo usado para cumprir o propósito de longo prazo que Deus tinha de fazer de Israel uma grande nação. Se ele tivesse julgado o Senhor simplesmente pelo que Ele permitira que lhe acontecesse, teria julgado lamentavelmente mal seu Deus. De favorito de seu pai ele se tornou um escravo. Sendo acusado injustamente por uma mulher iníqua, ele fora lançado numa prisão. E lá estava ele, deixado a minguar, mesmo depois de ter ajudado o mordomo (o copeiro-mor de Faraó) escapar dela, interpretando seu sonho.

Como seria fácil para José concluir que Deus não tinha nenhum bom propósito para sua vida. Certamente a mão de Deus estava contra ele! O mal tinha caído sobre ele! Como lhe seria fácil rebelar-se contra Deus, gritar de raiva contra Ele! E como nos é fácil fazer o mesmo, olhar para os maus e feios eventos das nossas vidas e concluir que Deus está contra nós! Mas nunca devemos esquecer:

*Por trás de uma providência indiferente
Ele esconde um rosto sorridente.
— William Cowper*

Devemos aprender a não isolar um evento só, nem mesmo uma série de eventos, separando-os do restante das nossas vidas. Devemos procurar ver o propósito global de Deus — fazer um grande quadro. Foi o que José fez. Ele reconheceu o mal que lhe fora feito, porém não duvidou do imperante e imperativo propósito de Deus. Ele confessou a seus irmãos: “Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o tornou em bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar em vida a um povo grande (muitas pessoas)” (Gênesis 50:20).

Deus fez uma promessa, e seu cumprimento dependia de José ser vendido para o Egito como escravo. Para cumprir o seu propósito, Deus usou o ato pecaminoso dos irmãos de José sem de forma alguma aquiescer a esse ato. Por conseguinte, nunca imaginemos que Ele só permitirá que nos sobrevenha o que é bom e agradável.

2. O DESDOBRAMENTO DA HISTÓRIA (Gênesis 37:1-28)

A história de José é muito humana. Ressoa verdade porque é muito ligada à vida, com seus temas de favoritismo provocando ódio, e o filho paparicado tornando as coisas piores.

A história gira em torno do fato de que *José era o favorito de seu pai* (Gênesis 37:3). Ele era filho de Raquel, esposa favorita de Jacó (Gênesis 30:23,24), como o foi Benjamim (Gênesis 35:16-18), ao passo que os irmãos que passaram a odiar José eram seus meio-irmãos, “filhos de Bilha e... filhos de Zilpa” (Gênesis 37:2), as esposas escravas de Jacó. O capítulo trinta e quatro já mostrara que havia pouco amor dispensado entre Jacó e os filhos de Léia (Gênesis 34:30, 31). Parece altamente provável que Jacó tinha mesmo menos afeto por seus filhos nascidos de Bilha e de Zilpa.

Jacó não fez nenhuma tentativa de ocultar seu amor por José. Esse amor brotara do fato de que ele “era filho da sua velhice” (Gênesis 37:3), e em consequência o amou cegamente. Se fosse mais prudente, Jacó teria procurado esconder seu profundo amor votado a José, dos seus irmãos e tratá-los tão igualmente quanto possível. Em vez disso, ele quase alardeou seu amor por seu filho favorito, fazendo-lhe “uma túnica de várias cores”. Seja qual for o sentido da expressão hebraica, claro está que essa veste enviou um sinal muito definido aos irmãos de José: “Vendo pois seus irmãos que seu pai o amava mais do que a todos os seus irmãos, aborreceram-no, e não podiam falar com ele pacificamente” (versículo 4).

Assim, outro elemento é acrescentado à história que se desenrola: José era odiado por seus irmãos (versículo 4). Eles o invejavam devido ao lugar que ele tinha nos afetos do pai deles, e a inveja levou ao ódio, e o ódio às palavras duras.

Tampouco José tentou derramar óleo nas águas revoltas, antes fez o inverso, pois *por sua insensatez ele piorou a situação* (versículos 5-11). Ele teve um sonho

profético que, em vez de guardar para si, “contou a seus irmãos”. O resultado foi que “o aborreciam ainda mais” Se em algo os seus irmãos não entenderam claramente o sentido do sonho de José, sem dúvida foi acerca da sua importância. Ele o deixou bem claro para eles. “E disse-lhes: eis que estávamos atando molhos no meio do campo, e eis que o meu molho se levantava, e também ficava em pé, e eis que os vossos molhos o rodeavam, e se inclinavam ao meu molho” (versículo 7).

A reação deles à prosa tola do seu irmão adolescente era inteiramente fácil prever. “Por isso tanto mais o aborreciam por seus sonhos e por suas palavras” (versículo 8).

José teve um segundo sonho, um sonho mais extravagante que o primeiro. Nele o Sol e a Lua e onze estrelas se inclinavam a ele. José não levou em conta a reação dos seus irmãos ao seu primeiro sonho. Se fosse prudente, teria guardado para si o conteúdo do seu segundo sonho, porém o que parece é que ele tinha que pô-lo para fora, pura e simplesmente.

Quando José contou seu segundo sonho a seu pai, recebeu dele forte repreensão, mas não somos informados se ele foi adequadamente castigado. Dada sua anterior insensibilidade, é improvável que tenha sido.

Podemos aprender algumas lições instrutivas desta história. A primeira é que Jacó estava errado em ter um filho favorito. E mais errado estava por distingui-lo do modo como o fez, demonstrando tão evidentemente que ele era seu favorito pessoal.

Os pais precisam ser prudentes — tratar seus filhos igualmente por amá-los igualmente. E se houver um filho favorito, pois algumas crianças atraem mais simpatia do que outras, os pais não devem demonstrar essa distinção.

Segunda, José estava errado, pois, com sua insensata exibição dos seus sonhos ele simplesmente esfregou sal nas feridas dos seus irmãos.

Por último, os irmãos de José estavam errados em odiá-lo. Ele não podia impedir que fosse o filho favorito de seu pai. Eles não tinham direito de desforrar em José por invejá-lo.

Os filhos que se sentem favoritos não devem abrir caminho para a inveja, porque a inveja leva ao ódio e o ódio ao homicídio, ou ao menos, no caso dos irmãos de José, à determinação de pôr José fora das suas vidas.

A última parte da história — a venda de José à escravidão — é narrada um tanto extensamente (versículos 12-36). Sendo um clã seminômade, com numerosas ovelhas e gado para alimentar, os irmãos de José eram obrigados a procurar pastagens a intervalos um tanto regulares. Primeiro eles apascentaram os seus animais perto de Siquém, entre o Monte Ebal e o Monte Gerizim (versículo 13). Mas quando José chegou lá por ordem do seu pai, ele soube que eles tinham saído em busca de novos pastos (versículos 15-17). Finalmente os encontrou em Dotã, um povoado a aproximadamente vinte e cinco milhas ao norte de Siquém.

O narrador salienta o intenso ódio dos irmãos de José. Quando o viram à distância, “conspiraram contra ele, para o matarem” (versículo 18). O próximo versículo sublinha o absoluto veneno que enchia os seus corações: “Eis lá vem o sonhador-mor!” disseram eles uns aos outros. “Vinde pois agora, e matemo-lo, e lancemo-lo numa destas covas, e diremos: uma besta-fera o comeu; e veremos que será dos seus sonhos”. Nem todos os irmãos estavam dispostos a ir tão longe, pois Ruben formou um plano para livrá-lo (versículos 21,22). Judá também quis salvar a vida de José e o fez quando os demais irmãos aceitaram sua sugestão de que ele fosse vendido a uns mercadores midianitas que por ali passavam (versículos 26-29). Entretanto, todos os irmãos tiveram a culpa de enganar seu pai durante anos, fingindo que um animal selvagem tinha matado José (versículos 3 1-35).

José tinha saído de casa como homem livre, porém tornou--se escravo no Egito, na casa de Potifar, “eunuco de Faraó, capitão da guarda” (versículo 36). Que radical mudança em suas circunstâncias! De filho favorito paparicado a humilhante escravo!

Que podemos aprender desta história sobre a providência de Deus? E como podemos aproveitar o que aprendemos?

Em primeiro lugar, vemos que *quando Deus usa homens maus para efetuar os Seus propósitos, Ele não é obrigado a justificar-Se para ninguém*. Os irmãos de José sabiam que queriam livrar-se do irmão que eles odiavam. Só pensavam em termos do seu ódio. O que não sabiam é que estavam servindo a um profundo propósito de Deus — “para conservar em vida a um povo grande” (50:20).

José também não sabia por que Deus tinha permitido que ele fosse vendido para a escravidão no Egito. Deus não lhe dissera. Somente à luz de eventos posteriores José poderia dizer a seus irmãos: “Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o tornou em bem” (Gênesis 50:20).

O Deus da Bíblia não é obrigado a justificar os Seus caminhos para nós. Essa é uma verdade que achamos difícil aceitar. Quando o nosso mundo vira de cabeça para baixo, como aconteceu com José, freqüentemente exigimos que se nos faça saber a razão disso. Os caminhos de Deus são sempre retos, mas Ele não tem obrigação de explicá-los para nós.

Esse é o argumento de Paulo, quando considera a liberdade de Deus na escolha do Seu povo. “Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra?” (Romanos 9:20,21).

As vezes podemos ficar aturdidos com as torções e voltas da providência de Deus. Quando ficarmos, devemos aprender a “confiar onde não podemos verificar”, e a adorar a Deus em vez de bombardeá-lo com perguntas que Ele, por razões que Ele conhece, prefere não responder imediatamente após as fazermos. O apóstolo nos mostra mais adiante o caminho, em Romanos 11:33:

*Ó profundidade das riquezas,
tanto da sabedoria, como da ciência de Deus!*

*Quão insondáveis são os seus juízos,
e quão inescrutáveis os seus caminhos!*

À luz dessa doxologia, é certamente sábio confiar em Deus e esperar até que nos seja dado a conhecer o Seu propósito.

Em segundo lugar, aprendemos que *às vezes há um grande intervalo entre a tragédia que Deus permite e o bem que Ele planeja fazer resultar dela*. Foi anos depois que José fora ao Egito que ele foi exaltado a uma posição de grande poder e influência. E foi ainda anos mais tarde que houve uma fome geral e, por causa da providência de José, houve alimento no Egito quando sua família, em Canaã, teve necessidade dele.

Sabemos que “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por Seu decreto” (Romanos 8:28) — mas não tudo imediatamente! Todavia, nós, em nossa pressa, e devido fazermos do nosso conforto a grande consideração, muitas vezes exigimos que o bem flua imediatamente do mal. Mas Deus não opera atendendo ao nosso horário, às nossas exigências. Ele é soberano e é livre para agir como Lhe agrada, para Sua glória. Se o rei Nabucodonosor pôde aceitar essa verdade, certamente nós podemos aceitá-la também. “Segundo a sua vontade ele opera com o exército do céu e com os moradores da terra: não há quem possa estorvar a sua mão, e lhe diga: que fazes?” (Daniel 4:35).

Devemos então aprender a sujeitar-nos à sabedoria de Deus e ao Seu poder. Quando encararmos a inescrutabilidade da Sua providência, não devemos pôr Deus no banco dos réus e sujeitá-lo a um interrogatório. Devemos aceitar de coração as palavras de William Cowper:

*No fundo ignoto de insondáveis minas,
Com habilidade nunca falha ou falível,
Seus brilhantes desígnios Ele entesoura,
E opera Sua vontade soberana.*

Aprenda, pois, experimentalmente a descansar em Deus. Duvide da sua própria sabedoria, antes de questionar a dEle. E, se na terra não nos for dado saber a razão pela qual Deus permitiu que alguma coisa nos sobreviesse, busquem os compreender que Deus tem todos os anos da eternidade para nos contar por quê.

Fonte: *Caminhos Misteriosos*, David Kingdon, Editora PES, p. 13-24.